

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
- *CAMPUS* OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Martinelly Vieira Martins

**DE INTEGRANTE DE UM COMPLEXO FERROVIÁRIO A
ESPAÇO PARA EVENTOS: por que o Centro de Artes e
Convenções da UFOP teve um reuso adaptativo de sucesso?**

MARTINELLY VIEIRA MARTINS

**DE INTEGRANTE DE UM COMPLEXO FERROVIÁRIO A
ESPAÇO PARA EVENTOS: por que o Centro de Artes e
Convenções da UFOP teve um reuso adaptativo de sucesso?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro
do Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus*
Ouro Preto para obtenção do título de Tecnólogo
em Conservação e Restauro.
Orientador: Régis Eduardo Martins

Ouro Preto
2024

M386d

Martins, Martinelly Vieira.

De integrante de um complexo ferroviário a espaço para eventos [manuscrito] : por que o centro de artes e convenções da UFOP teve um reuso adaptativo de sucesso? / Martinelly Vieira Martins. – 2025.
38 f. : il.

Orientador: Régis Eduardo Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

1. Patrimônio industrial. 2. Reuso adaptativo. 3. Edifícios históricos - Conservação e Restauração. I. Martins, Régis Eduardo. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 727

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Moraes - CRB-6/3217

Martinelly Vieira Martins

DE INTEGRANTE DE UM COMPLEXO FERROVIÁRIO A ESPAÇO PARA EVENTOS:
POR QUE O CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP TEVE UM REUSO
ADAPTATIVO DE SUCESSO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Tecnologia em Conservação e
Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais
– Campus Ouro Preto para obtenção do grau de
Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovado em 25 de setembro de 2024 pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **REGIS EDUARDO MARTINS**
Data: 09/05/2025 09:37:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Régis Eduardo Martins – IFMG (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **RODRIGO OTAVIO DE MARCO MENICONI**
Data: 24/10/2024 07:54:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me Rodrigo Otávio de Marco Meniconi - IFMG

Documento assinado digitalmente
 **SANDRA FOSQUE SANCHES**
Data: 14/10/2024 20:44:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Especialista Sandra Fosque Sanches

Dedico este trabalho a Maristella Corrêa Benjamin (*in memoriam*), que sempre me apoiou e me deu incentivos para os estudos e novos aprendizados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao empenho dos profissionais da área de Conservação e Restauro de Ouro Preto e do governo do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pela criação dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia por meio da Lei 11.892/08. Ambos foram importantes para a viabilização da criação do curso de Conservação e Restauro o qual estou prestes a concluir.

Agradeço, também, aos meus professores pelas aulas tão instigantes, pela companhia agradável tanto nas nossas viagens quanto nas atividades curriculares e pelo comprometimento com o nosso aprendizado.

Gostaria de também poder agradecer ao Prof. Alexandre Mascarenhas (*in memorian*), mas que infelizmente partiu cedo, sem me dar a oportunidade de usufruir de todo o seu conhecimento e experiência naquilo que amava e que se dedicou a maior parte da vida.

Agradeço à pessoa do Prof. Dr. Régis Eduardo Martins pela orientação durante o meu processo de escolha da temática a ser desenvolvida neste trabalho final e por toda atenção a mim dispensada.

Agradeço ao meu sobrinho Raphael Martins Oliva, pelas aulas e dicas de AutoCad e ajuda nos meus trabalhos de Prática de Restauro sempre que eu lhe solicitava.

Por fim, gostaria de agradecer à equipe do Centro de Artes e Convenções da UFOP, especialmente às servidoras Júlia e Júnia e à funcionária Bárbara Honório dos Santos que me deram atenção, passaram contatos e cederam material para consulta; e também ao Prof. Victor Vieira de Godoy por toda a sua consideração e disponibilização de material para pesquisa; e por fim, à equipe do Arquivo Central nas pessoas de Zenóbio dos Santos Júnior e, principalmente, da funcionária Luciana Patrícia que foi muito atenciosa e paciente comigo. Sem essas pessoas, esta pesquisa não teria sido possível.

Gratidão!

RESUMO

Este trabalho se trata de um estudo de caso sobre o Centro de Artes e Convenções da UFOP, com o qual se buscou apresentar os diversos reusos adaptativos desse complexo arquitetônico e como a intervenção mais recente pode ser analisada pelo viés dos princípios de intervenção em obras de restauro, já sedimentados pela teoria da restauração e respaldados pelas cartas patrimoniais. Para tanto, o texto, primeiramente, faz um breve histórico do conjunto arquitetônico, desde o início do século XX, como oficina de manutenção dos trens da ferrovia; depois como Parque Metalúrgico Augusto Barbosa entre os anos 40 e 60; então, como espaço multiuso da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a partir dos anos 70; e, por fim, como um espaço para eventos e atividades artísticas desde 2001. Em seguida, discorre sobre as intervenções feitas e sua relação com os princípios de intervenção em obras de restauro e, então, busca esclarecer como foi o reuso adaptativo do Centro de Artes e Convenções da UFOP. Para se alcançar este resultado, foram feitas pesquisas do tipo bibliográfica e documental. A bibliografia consultada foi feita em livros sobre patrimônio industrial em especial os livros “Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – Problemas Teóricos de Restauro” de Beatriz Kühl, “Preservação do Patrimônio Edificado: a questão do uso” de Cyro Corrêa Lyra e “Teoria da Restauração” de Cesare Brandi. Além dos livros, foram consultadas as seguintes cartas patrimoniais: Carta de Veneza (1964), Carta de Burra (1980), Conferência de Nara (1964), Carta de Brasília (1995) e Carta de Nizhny Tagil (2003). Também foram consultados leis e decretos relacionados aos usos e funções do complexo arquitetônico do atual Centro de Artes e Convenções da UFOP. As fontes primárias da pesquisa documental foram adquiridas do Arquivo Público de Ouro Preto, do Arquivo Central da UFOP e de relatórios obtidos das mãos de particulares que se envolveram diretamente no projeto de requalificação do Centro de Artes e Convenções da UFOP nos anos 90. Após a pesquisa e leitura das fontes coletadas foi feita uma abordagem qualitativa do conteúdo que foi lido e analisado permitindo a elaboração do texto final. As conclusões do material estudado são que, embora o Centro de Artes e Convenções da UFOP não possa ser considerado um exemplo de obra de restauro, pois as intervenções feitas não procuraram seguir teorias e princípios do restauro já consagrados, ele se tornou um exemplo de reuso adaptativo de sucesso pela coadunação dos seguintes fatores: a sua localização privilegiada na cidade de Ouro Preto; a versatilidade da arquitetura industrial para reuso adaptativo; articulação financeira e estratégica entre o poder público e privado para requalificação do conjunto arquitetônico e, finalmente, os reusos adaptativos pelo qual passou o complexo industrial foram condizentes com a vocação da cidade de Ouro Preto.

Palavras-chaves: Patrimônio industrial. Reuso adaptativo. Centro de Artes e Convenções da UFOP. Princípios do restauro em intervenções.

ABSTRACT

This work is a case study on the UFOP Arts and Convention Centre, which it has sought to present a range of adaptative reuses of this architectural complex and how the most recent interventions may be assessed under the principles of intervention in restoration projects, already sedimented by the restoration theory and supported by the heritage charters. For this purpose, the text firstly outlines a brief historic of the architectural complex, since the beginnings of the XX Century, as a maintenance workshop of railway; after as the Augusto Barbosa Metallurgic Park between the 40s and 60s; then, as a multiuse space of the Federal University of Ouro Preto (UFOP) from the 70s; and, finally, as a venue for events and artistic activities since 2001. Afterwards, it discourses about the interventions carried out and its relation with the principles of interventions in restoration works and it ends up seeking to clarify how well the adaptative reuse of the UFOP Arts and Convention Centre occurred. To achieve this result, bibliographic and documental research were made. Books on industrial heritage were consulted, specially these ones: “Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – Problemas Teóricos de Restauro” by Beatriz Kühl, “Preservação do Patrimônio Edificado: a questão do uso” by Cyro Corrêa Lyra and “Teoria da Restauração” by Cesare Brandi. Beyond these books, the following heritage charters were consulted: Venice Charter (1964), Burra Charter (1980), Nara Conference (1964), Carta de Brasília (1995) and Nizhny Tagil Charter (2003). The author also consulted laws and decrees related to the uses and functions of the UFOP Arts and Convention Centre architectural complex. The documental primary sources were acquired from the Ouro Preto Municipal Archive, from the UFOP Central Archive and from reports belonged to people who had worked directly in the project of requalification of the UFOP Arts and Convention Centre in the 90s. A qualitative approach of the content were accomplished after the research and reading of collected material, which permitted the elaboration of the final text. The conclusions achieved are that the UFOP Arts and Convention Centre may not be considered as an example of restoration work, for the interventions carried out have not taken into consideration principles and theories of restoration already consecrated. However, it has become an example of successful adaptative reuse by the convergence of the following factors: its privileged localization in Ouro Preto town; the versatility of industrial architecture for adaptative reuse; financial and strategic articulation between public and private powers for requalification of that architecture complex and, finally, the adaptative reuses for which that industrial complex went through were all suitable to Ouro Preto vocation.

Key-words: Industrial heritage. Adaptative Reuse. UFOP Arts and Convention Centre. Restoration principles in architectural interventions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Vista da Estação Ferroviária, antigo galpão em estilo eclético, casas neocoloniais e parte do Morro da Força à direita	12
Imagem 2: Galpão do Parque Metalúrgico sendo usado para atividades esportivas da UFOP.....	13
Imagem 3: Fachada posterior do antigo galpão eclético da ferrovia	15
Imagem 4: Telhado do Setor Multiuso, antigo galpão da ferrovia	15
Imagem 5: Planta atual com destaque para o Setor Multiuso e Setor de Alimentação.....	16
Imagem 6: Antigo maquinário do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa usado como peças de decoração do Setor Multiuso	16
Imagem 7: Casa neocolonial do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa e localização na planta atual.....	17
Imagem 8: Alto-forno antes de ser recuperado para o Museu da Siderurgia.....	18
Imagem 9: Localização do Museu da Siderurgia na planta atual	18
Imagem 10: Auditório principal/Teatro Ouro Preto e localização na planta atual	19
Imagem 11: Entrada do Núcleo de Produções Artísticas da UFOP e da atual administração do Centro de Artes e Convenções da UFOP	19
Imagem 12: Localização do Núcleo de Produções Artísticas do IFAC na planta	20
Imagem 13: Interior do Setor de Feiras e Exposições	20
Imagem 14: Localização do Setor de Feiras e seus anexos na planta atual	21
Imagem 15: Meios de acesso ao Setor de Convenções no pavimento superior.....	21
Imagem 16: Localização do Setor de Convenções e seus anexos na planta atual	21
Imagem 17: Localização do Bloco de Serviços na planta atual.....	22
Imagem 18: Vestígios do percurso dos trilhos do trem no pátio externo	22
Imagem 19: Parte da fachada do antigo Parque Metalúrgico Augusto Barbosa antes da intervenção para criação do Museu da Siderurgia	26
Imagem 20: Setor de Alimentação, parte do antigo galpão em estilo eclético da ferrovia.....	27
Imagem 21: O Ministro da Fazenda Ciro Gomes ao lado de autoridades e de membros da equipe do projeto do Centro de Artes e Convenções da UFOP.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. BREVE HISTÓRICO DO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP.....	11
3. INTERVENÇÕES REALIZADAS NO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP	14
4. RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO EM OBRAS DE RESTAURO E O CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP.....	23
5. O REUSO ADAPTATIVO DO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	38
REFERÊNCIAS:	38
Fontes Documentais:	40

1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da Revolução Industrial no século XVIII, muitas cidades e seus entornos têm convivido com remanescentes de períodos industriais passados, agora ociosos e sem função prevista. Eles podem ser desde pequenas infraestruturas urbanas desativadas até grandes complexos industriais; e mesmo que remontem a alguma memória, seja afetiva dos tempos áureos de uma economia fabril, ou de um passado de exploração laboral, há muita dificuldade em se preservá-los, dando-lhes um novo uso para os tempos atuais.

Entretanto, há casos de sucessos de patrimônios industriais que puderam ser preservados e que adquiriram um novo significado por meio de um reuso adaptativo. É o caso do Centro de Artes e Convenções da UFOP, que passou por diversos usos: primeiro como integrante de um complexo ferroviário, depois como Parque Metalúrgico e escola prática, então, como espaço para atividades operacionais e acadêmicas de uma universidade e, por fim, como um centro de eventos e de atividades artísticas. Durante esses momentos, o complexo do Centro de Artes e Convenções da UFOP nunca experimentou períodos de abandono e devido a sua versatilidade para reutilização dos seus espaços, ele pode ser considerado um caso de sucesso.

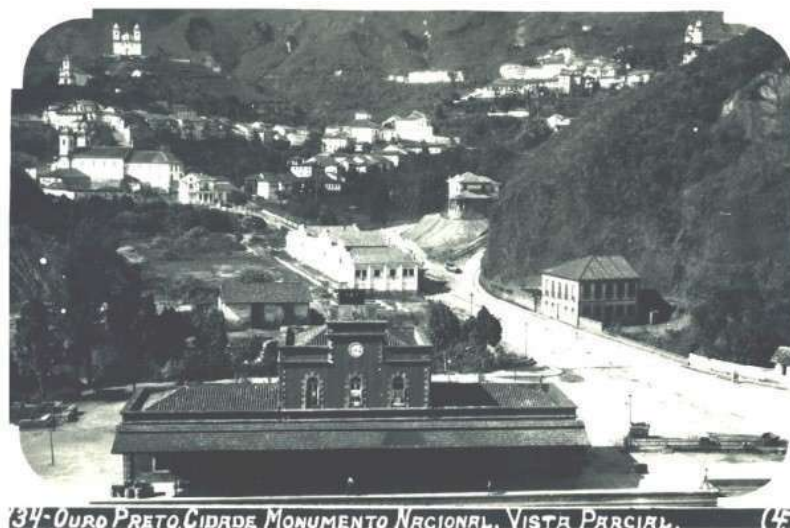
Desta forma, o presente artigo busca tentar compreender as razões para esse reuso adaptativo bem-sucedido. Primeiramente, é apresentando um breve histórico do conjunto arquitetônico do Centro de Artes e Convenções da UFOP para entender em que contexto urbano e cultural ele se encontra; depois, o texto discorre sobre as intervenções feitas para que ele se convertesse em um espaço de eventos, sendo que a intenção de se remeter a essa base teórica é para questionar se o projeto arquitetônico buscou seguir princípios clássicos do restauro nas intervenções feitas. Por último, o artigo finaliza apresentando as quatro possíveis razões para que o Centro de Artes e Convenções da UFOP tenha tido um reuso adaptativo de sucesso.

2. BREVE HISTÓRICO DO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP

A história do conjunto arquitetônico onde hoje se localiza o Centro de Artes e Convenções da UFOP começou no início do século XX com projetos de intervenção nas cercanias da Estação Ferroviária de Ouro Preto. Entre os anos 20 e 30, o arquiteto italiano Marco Túlio Gramigna projetou edificações em estilo neocolonial que se destinavam a servir de residência para os engenheiros da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB) (DRUMMOND, 2011, p.377). Bem próximo a essas edificações, a EFCB construiu um galpão em estilo eclético, aproximando-se do neocolonial, para servir de oficina de manutenção dos trens da ferrovia. Naquela mesma área, encontrava-se a lagoa do Funil que foi aterrada utilizando-se o material extraído do Morro da Força, dando abertura às atuais Ruas Pacífico Homem, Vitorino

Dias e Diogo de Vasconcelos¹ (Imagem 1).

Imagem 1: Vista da Estação Ferroviária, antigo galpão em estilo eclético, casas neocoloniais e parte do Morro da Forca à direita.



Fonte: Memória Fotográfica da Implantação do Centro de Artes e Convenções da UFOP. Foto de Luiz Fontana, s/d.

O galpão e o seu entorno continuaram a pertencer à EFCB até os anos 40, quando por meio do Decreto 8.075/1941, parte das edificações do complexo ferroviário da Estação de Ouro Preto foi cedida à Escola Nacional de Minas e Metalurgia para servir como instituto de metalurgia. Nesse espaço, foi construído o Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, constituindo-se de uma unidade produtora de ferro gusa, oficinas mecânicas, armazém para matérias-primas e produtos acabados e também como laboratório para as atividades acadêmicas práticas da Escola de Minas. Devido às reclamações da população local sobre a poluição atmosférica e os rejeitos de carvão produzidos pela fábrica de ferro gusa, ela foi desativada em 1964. Somente continuou em operação a oficina mecânica que acabou sendo arrendada pela indústria de alumínio ALCAN (GODOY, 1999, p.3).

Em 1969, após a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), resultada da fusão da Escola de Farmácia com a Escola de Minas, o complexo passou a fazer parte integrante da nova universidade. Durante algumas décadas, esse complexo localizado na Rua Diogo de Vasconcelos adquiriu vários usos pela UFOP. Além de servir para armazenar

¹ A abertura dessas novas ruas foi uma consequência do crescente processo de urbanização que se deu naquela região da cidade após a inauguração da Estação Ferroviária de Ouro Preto no final do século XIX. Assim, a expansão urbana se deu na parte “baixa” da cidade, localizada na Barra e no Pilar, atraindo novos empreendimentos, moradias, aberturas de ruas e projetos de infraestrutura.

maquinário de uso da universidade, também conservou o antigo maquinário da fábrica de ferro gusa; ali se encontrava o setor de Divisão de Materiais da UFOP, outros setores pertinentes, uma serralheria, um poço artesiano que até hoje abastece a universidade, espaço para atividades esportivas e alojamento para 80 alunos (OURO PRETO, 1978) (Imagem 2).

Imagem 2: Galpão do Parque Metalúrgico sendo usado para atividades esportivas da UFOP



Foto: Acervo do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

A situação se manteve até que em 22 de julho de 1993, o Conselho Universitário da UFOP, por meio da Resolução CUNI 171/1993, decidiu transformar o antigo complexo do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa em um espaço de eventos, Museu da Siderurgia e para atender atividades artísticas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura (IFAC). O projeto de grande vulto necessitou de muito planejamento, captação de recursos e articulação entre o poder público e a iniciativa privada. As obras foram executadas entre 1996 e 2001 e a inauguração se deu em 21 de março de 2001 como Centro de Artes e Convenções da UFOP. Desde então, o espaço é muito procurado para sediar eventos nacionais e internacionais, já tendo ganhado alguns prêmios, tais como: 3º lugar do Jacaré de Bronze em 2003, categoria Melhor Centro de Convenções e Exposições da Região Sudeste; e foi reconhecido pela *Internacional Congress and Convention Association* da Holanda como o espaço que mais sediou eventos internacionais em 2006 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, 2024).

Do período de 2001 a 2013, o espaço foi administrado pela Fundação Educativa de Rádio e Televisão de Ouro Preto (FEOP), depois pela Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto (ADOP) e, a partir de 2018, passou a ser administrado pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente, o Centro de Artes e Convenções da UFOP realiza em média 120 eventos ao ano. Entre julho de 2023 e junho de 2024, o espaço sediou

105 eventos nacionais e 7 internacionais, o que evidencia que ele tem tido a sua agenda bem requisitada².

3. INTERVENÇÕES REALIZADAS NO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP³

O Centro de Artes e Convenções da UFOP é um espaço para eventos e para atividades acadêmicas do curso de Artes da instituição. O complexo possui cerca de 7.400m² de área construída dentro de uma área total de 11.000m² e possui diversos setores, sendo no andar térreo: administração do Centro, praça de eventos, Setor de Alimentação e Multiuso, Museu da Siderurgia, Saguão principal, Auditório/Teatro, Setor de Feiras/Exposições, Setor de Serviços e área para carga e descarga de materiais; no pavimento superior, há espaço para convenções, terraço, sala administrativa, salas de apoio a eventos, teatro/auditório e saguão e, por fim, na edificação do pátio externo, ficam salas administrativas e espaço para atividades artísticas, tais como oficinas de integração de Música, Artes Cênicas, Artes Plásticas e Visuais

Antes do complexo do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa se tornar o Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto (CACOP) no início dos anos 2000, ele dispunha da seguinte estrutura: dois galpões com pé direito maior, um galpão em estilo eclético, um galpão isolado no pátio externo com pé direito menor, pequenas construções anexas e uma casa em estilo neocolonial.

O Coordenador da equipe de arquitetos Alexandre Martins (2001) relata que a equipe do Projeto Arquitetônico do CACOP se reuniu com órgãos governamentais de preservação e com consultores da área para definir as diretrizes básicas, a volumetria das edificações e o tratamento arquitetônico condizente com o estilo predominante do complexo. Assim, consideraram que as edificações de valor histórico ou artístico deveriam ser restauradas, mas decidiram demolir todos os pequenos acréscimos que foram colocados juntos aos galpões principais, ao longo dos anos, com o objetivo de viabilizar as novas construções que foram feitas (saguão principal, setor de convenções, setor de feiras e bloco de serviços).

Alexandre Martins classificou as intervenções e obras realizadas como sendo de restauração, reforma ou construção. Nesse sentido, ele considerou como sendo obras de restauro as realizadas em três edificações do complexo: o galpão mais antigo, que originou o conjunto, a Unidade Produtora de Ferro Gusa do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa e a casa em estilo neocolonial contígua ao galpão.

² Informações fornecidas pela equipe do Centro de Artes e Convenções da UFOP.

³ As informações foram extraídas de relatórios do Coordenador da equipe de arquitetos, Alexandre Alvarez de Souza Martins, e do Gerente Administrativo de Implantação do projeto arquitetônico, Victor Vieira de Godoy (1996-1999), presentes no Arquivo Central da UFOP.

O galpão em estilo eclético, datado dos anos 20 do século XX, foi usado como oficina de manutenção dos trens que passavam pela Estação Ferroviária de Ouro Preto, integrante da Central do Brasil, e depois como depósito do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa (Imagem 3). Na intervenção, a maior parte do reboco da sua fachada externa foi conservada e houve restauração realizada pela empresa Baluarte's em seus elementos decorativos com o auxílio de moldes de fibra de vidro no formato dos preexistentes.

Imagem 3: Fachada posterior do antigo galpão eclético da ferrovia



Fonte: Acervo Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

O telhado em *shed* com as telhas francesas aparentes se destacam no galpão juntamente com as tesouras metálicas importadas da Europa, estas últimas foram preservadas como no original, passando apenas por processo de limpeza e proteção do metal. Entretanto, nota-se que as telhas do telhado não são as originais, pois as marcas delas são de fabricação recente no estado de Minas Gerais, sendo: a cerâmica Monte Carmelo, fundada em Monte Carmelo em 1977 e a Cerâmica Santo Antônio, fundada em Congonhas em 1976 (Imagem 4). Provavelmente, as telhas originais já haviam sido descartadas em intervenções anteriores; não se sabe sobre o destino delas, mas percebe-se que não houve, em nenhum momento, a prática de restauro para consolidação das telhas a fim de devolvê-las, posteriormente, à cobertura do galpão. Na proposta de intervenção do CACOP, a equipe recomendou que as telhas fossem retiradas para limpeza e as que estivessem danificadas fossem descartadas (TECNITUR, s/d).

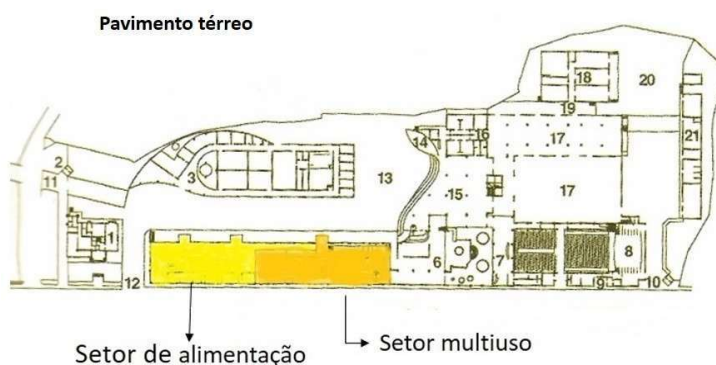
Imagem 4: Telhado do Setor Multiuso, antigo galpão da ferrovia



Fotos: Martinelly Martins, 2024.

No mesmo galpão, as paredes divisórias que foram colocadas ao longo do tempo para constituir diferentes compartimentos de usos foram demolidas a fim de aumentar o espaço interior para criação de um Setor Multiuso e Setor de Alimentação (Imagem 5). A equipe do projeto resolveu utilizar o antigo maquinário do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa como elementos decorativos do Setor Multiuso, tais como: uma ponte rolante e fornos *Cubilot*, *Bessemer* e de Cadinhos, todos fabricados na Inglaterra (Imagem 6). Ressalta-se que como esses equipamentos industriais remetem à memória industrial do antigo Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, eles não se apresentaram como meros elementos decorativos, mas representam “ilhas da memória” dentro do espaço do galpão. Também nesse resgate da memória, no Setor de Alimentação, construiu-se uma estrutura metálica semelhante a um vagão de trem com divisões para lanchonete, sanitários, cozinha industrial fornecimento de refeições (Imagem 20).

Imagem 5: Planta atual com destaque para o Setor Multiuso e Setor de Alimentação



Fonte: Adaptado pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001.

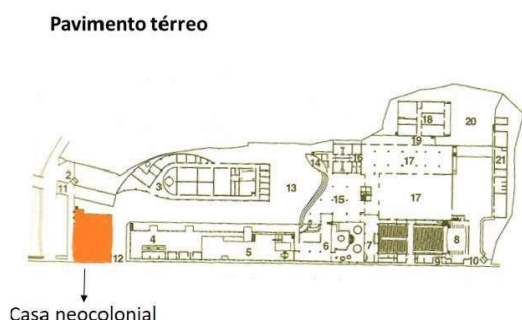
Imagem 6: Antigo maquinário do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa usado como peças de decoração do Setor Multiuso



Foto: Martinelly Martins, 2024.

A casa em estilo neocolonial bem próxima ao galpão foi construída nos anos 40 do século XX para servir de administração do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa. Na intervenção dos anos 90, ela teve os seus elementos decorativos da fachada restaurados e, na parte interna, recebeu paredes com gesso acartonado. O seu uso se deu como prédio administrativo do Centro de Artes e Convenções da UFOP por alguns anos até receber outros usos, tais como: Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, sede da TV UFOP e, atualmente, setor jurídico da UFOP (Imagem 7).

Imagem 7: Casa neocolonial do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa e localização na planta atual



Fonte: Foto de Martinelly Martins (2024) e planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001

O Museu da Siderurgia foi criado onde antes funcionava a Unidade Produtora de Ferro-Gusa do Parque Metalúrgico (Imagem 9). A restauração do alto-forno, dos equipamentos e algumas de suas instalações foi feita pela Companhia Siderúrgica Belgo- Mineira, executada pela CONTEPE Ltda. Não se tratou de uma restauração com fins de recuperação funcional dos equipamentos, mas basicamente da recuperação da sua integridade física para servir de material expositivo do Museu da Siderurgia. Assim, os fornos que estavam em estado de deterioração foram restaurados, lixados e receberam verniz especial para materiais metálicos (Imagem 8). Victor Godoy (2001) afirma que foi necessário “recuperar” a alvenaria do local utilizando para tanto materiais franceses inéditos no país, possivelmente doados pela empresa Lafarge. Além disso, o local foi envolvido em um vidro temperado, recebendo iluminação estratégica para destacar o maquinário e o alto forno do museu.

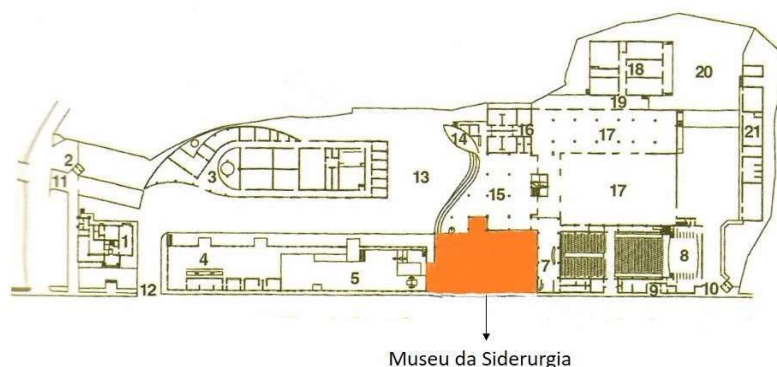
Imagem 8: Alto-forno antes de ser recuperado para o Museu da Siderurgia



Foto: Acervo do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

Imagem 9: Localização do Museu da Siderurgia na planta atual

Pavimento térreo

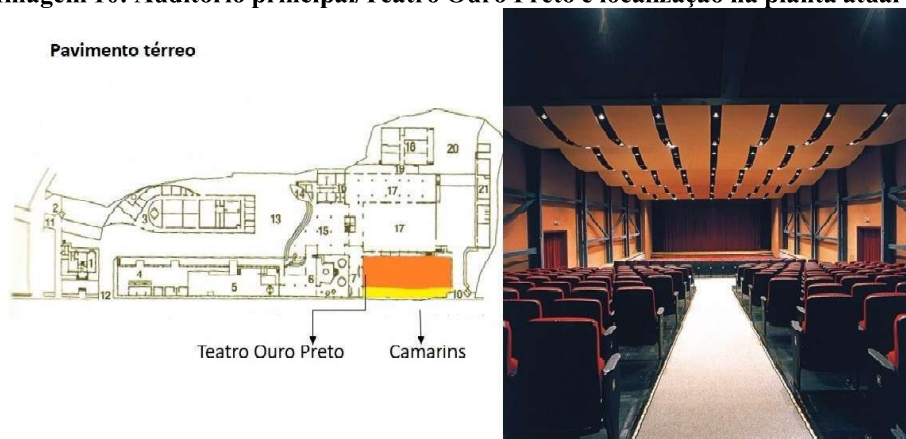


Fonte: Planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001.

Alexandre Martins (2001) considerou como edificações reformadas dois galpões: um que funcionou como depósito de matéria-prima do Parque Metalúrgico e depois como quadra esportiva da UFOP e outro que funcionou com oficina mecânica do mesmo parque.

O Auditório Principal/Teatro Ouro Preto foi instalado em um antigo galpão que era usado para estocar os produtos feitos pelo Parque Metalúrgico. Foram restaurados o telhado e as estruturas laterais em madeira sobre as quais as tesouras se apoiam. O telhado recebeu uma subcobertura e tratamento acústico. Criou-se uma nova e independente estrutura de concreto e aço para sustentar o forro, os dutos de refrigeração e demais instalações do cenário. O espaço se constitui de 510 poltronas, camarim e cabines para monitoramento de luz, projeções, som e tradução simultânea (Imagem 10).

Imagem 10: Auditório principal/Teatro Ouro Preto e localização na planta atual



Fonte: Acervo Centro de Artes e Convenções da UFOP (s/d) e planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001

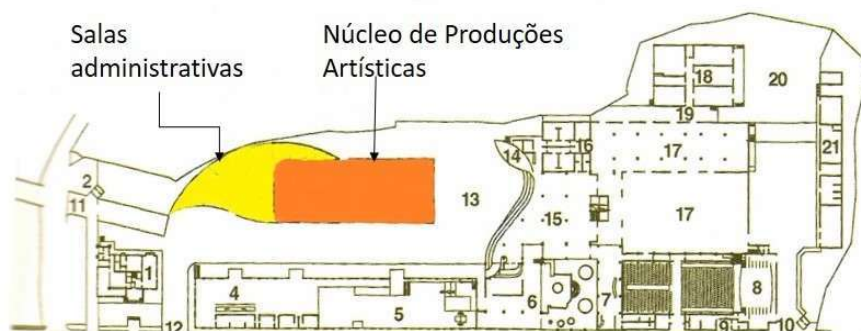
O Núcleo de Produções Artísticas do IFAC funcionou como uma antiga oficina mecânica do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa. Dentre todas as edificações do complexo é a que possui o menor pé-direito. Na intervenção, todo o seu interior foi compartimentado para criar novos espaços para abrigar as atividades dos cursos de Artes da UFOP. Assim, houve uma preocupação com o tratamento acústico em ambientes como o de laboratório de dança, artes plásticas, oficinas artísticas, seis salas para prática instrumental, pequeno auditório, camarim, copa, depósitos, instalações sanitárias e administrativas. Como acréscimo, tem-se que os vãos das paredes foram ampliados e padronizados e receberam janelas de madeira de treliças em alusão as que já existem nas edificações luso-brasileiras de Ouro Preto. O acesso a esse núcleo e às salas administrativas ocorre por meio do acréscimo de uma edificação em estilo contemporâneo constituída de laje plana, volume curvo sustentada por *pilotis* e fechamento em vidro (Imagem 11 e Imagem 12).

Imagem 11: Entrada do Núcleo de Produções Artísticas da UFOP e da atual administração do Centro de Artes e Convenções da UFOP



Foto: Martinelly Martins, 2024.

**Imagem 12: Localização do Núcleo de Produções Artísticas do IFAC na planta
Pavimento térreo**

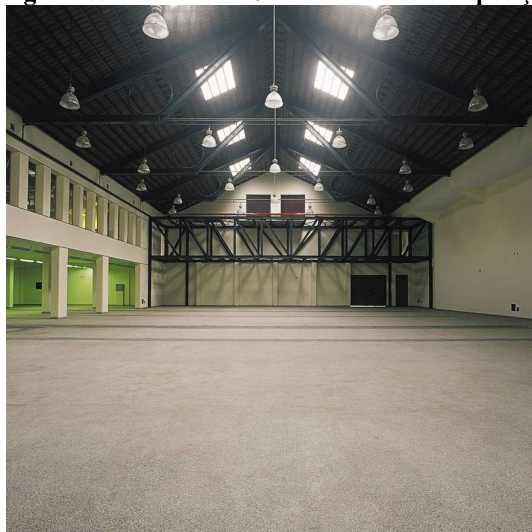


Fonte: Planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001.

Na execução do projeto, quatro galpões inteiramente novos foram construídos: Setor de Feiras, Setor de Convenções, Bloco de Serviços e Saguão Principal/*Foyer*.

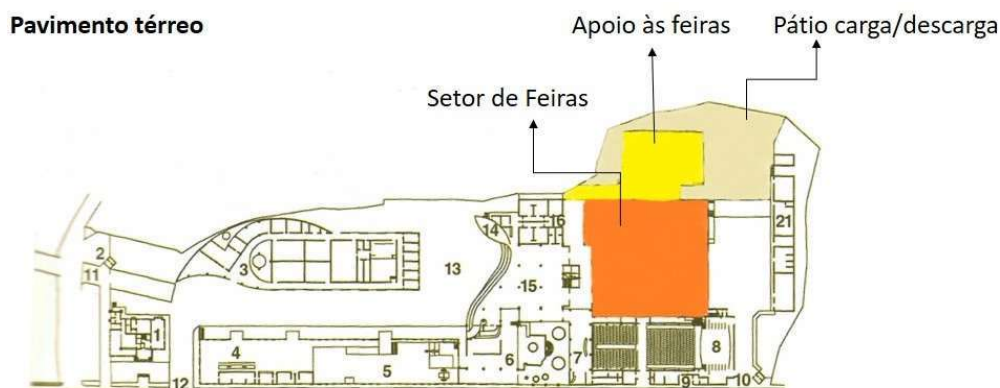
O Setor de Feiras/Exposições ocupa o térreo de dois galpões antigos, sendo que um deles não pôde ser reaproveitado pois a sua estrutura estava comprometida. Assim, optou-se por construir um novo galpão, mas nos moldes do galpão do antigo Parque Metalúrgico, com as peculiares tesouras e treliças sustentando o telhado e o mezanino para salas de administração (Imagem 13). O piso do Setor de Feiras/Exposições é dotado de caneletas multifuncionais para as redes de instalação (elétricas, hidrossanitárias, transmissão de dados e voz, etc.), um espaço de 1.618,93 m² para feiras e outros espaços para apoio às feiras, tais como: área para carga e descarga de caminhões, sanitários, depósitos, vestiários, copa, etc. (Imagem 14).

Imagem 13: Interior do Setor de Feiras e Exposições



Fonte: Acervo do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

Imagem 14: Localização do Setor de Feiras e seus anexos na planta atual



Fonte: Planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001

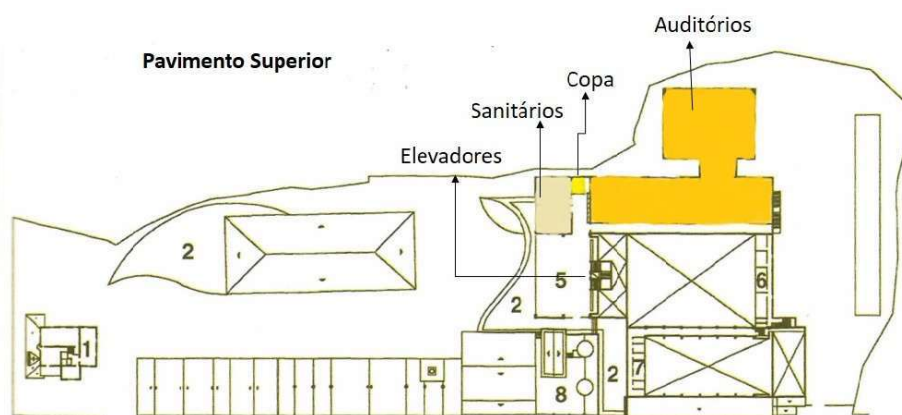
O Setor de Convenções se encontra no segundo pavimento e o seu acesso pode ser feito tanto por elevador quanto por escada (Imagem 15). É um espaço com área de 1.246,50m² que se subdivide em salas de apoio, salas de reuniões, dois auditórios e sanitários (Imagem 16).

Imagem 15: Meios de acesso ao Setor de Convenções no pavimento superior



Foto: Martinelly Martins, 2024.

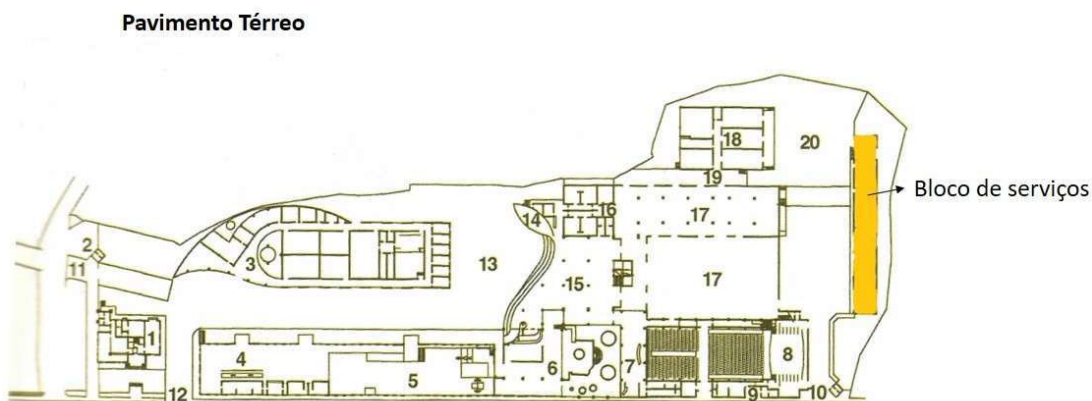
Imagem 16: Localização do Setor de Convenções e seus anexos na planta atual



Fonte: Planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001.

O Bloco de Serviços é onde os funcionários podem cuidar da parte técnica dos eventos. Ele possui circuito interno de TV, segurança eletrônica, monitoramento, e é onde também funcionam a subestação de energia elétrica com gerador de energia e a casa das bombas que retira água de dois poços artesianos no terreno do Centro de Artes e Convenções da UFOP para abastecimento da própria universidade (Imagem 17).

Imagem 17: Localização do Bloco de Serviços na planta atual



Fonte: Planta adaptada pela autora da Revista Projeto Design 256, junho de 2001.

É também interessante notar, algumas pequenas modificações que foram feitas no pátio interno do Centro de Artes e Convenções da UFOP. Desde que o Parque Metalúrgico foi desativado no início dos anos 60, o trem deixou de acessar o pátio para recolhimento dos produtos; com o tempo, os trilhos foram arrancados do percurso entre a Estação Ferroviária e o pátio do Parque Metalúrgico. Entretanto, é possível perceber o percurso que o trem fazia pela posição diferenciada dos paralelepípedos distinguindo os espaços interiores entre os carris e o restante do pátio interno do complexo (Imagem 18). O pátio atualmente tem sido utilizado para espaço de eventos ao ar livre sendo dotado de um palco externo.

Imagem 18: Vestígios do percurso dos trilhos do trem no pátio externo

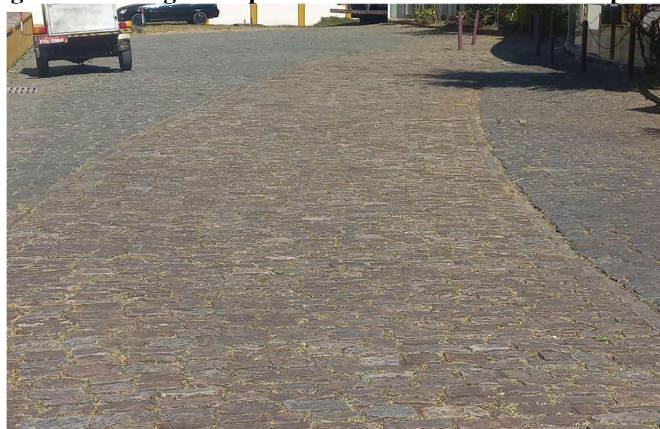


Foto: Martinelly Martins, 2024.

4. RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO EM OBRAS DE RESTAURO E O CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP.

O projeto de construção do Centro de Artes e Convenções da UFOP não adotou como partido o restauro, conceituado por Cesare Brandi (1906–1988) como “(...) o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (BRANDI, 2008, p.30). Segundo esta definição, não é fácil considerar um patrimônio industrial como obra de arte, carecendo-lhe da instância estética que justifique a intervenção do restauro propriamente dito. Brandi (2008, p. 26) tratou os objetos industriais não como propícios a intervenções de restauro, mas ao restabelecimento da sua funcionalidade, já que eles apresentam pouca artisticidade. Para ele, a instância da utilidade tem pouca importância, jamais superando as instâncias estéticas e históricas como essenciais para aplicação de metodologias de restauro.

Sendo assim, como patrimônio industrial, o complexo arquitetônico do Centro de Artes e Convenções da UFOP não precisaria ser submetido a procedimentos de restauro, com exceção de poucos elementos artísticos presentes na fachada do galpão eclético e na casa neocolonial. No caso do maquinário remanescente do Parque Metalúrgico, a teoria de Brandi não contempla a motivação para o restauro, pois aqueles objetos industriais não são contemplados pela instância estética, mas pela instância histórica, como registro de um tempo passado significativo para a memória de todo o conjunto. Não coube ao projeto supracitado, o restabelecimento da funcionalidade do maquinário, mas o “restauro” da sua integridade para se tornar objetos de exposição do Museu da Siderurgia.

De qualquer maneira, a importância de procedimentos de restauro foi subestimada no projeto do Centro de Artes e Convenções da UFOP, visto não haver, na equipe de execução dos trabalhos, nenhum profissional de conservação e restauro. Ainda, dada a natureza e a motivação para as intervenções, foi seguido mais o viés da funcionalidade da edificação, sem priorizar os princípios de intervenção em obras de restauro já estabelecidos, tais como: autenticidade, integridade, mínima intervenção, compatibilidade de técnicas e materiais, distinguibilidade e reversibilidade.

Dentre todos os princípios elencados, o da autenticidade tem sido muito recorrente nas últimas décadas para o reconhecimento de determinado bem como patrimônio digno de ser salvaguardado. Embora esse princípio tenha sido discorrido em documentos como a Conferência de Nara (1994) e a Carta de Brasília (1995), não é fácil conceituá-lo, devido a sua vinculação a diversidades culturais. Assim sendo, a Conferência de Nara (1994) anuiu que a autenticidade é um valor que não se pode basear em critérios fixos, visto que cada cultura

tem suas próprias concepções do que pode ou não ser considerado autêntico. Dessa forma, para se reconhecer um bem como sendo autêntico não basta apenas se pautar em critérios subjetivos de um grupo, é necessário, também, que haja pesquisa sobre ele para avaliar as suas dimensões artísticas, históricas, sociais e científicas. A credibilidade e a veracidade dessas pesquisas é que poderão subsidiar o reconhecimento de que determinado bem é realmente “autêntico”.

Considerando que determinar a autenticidade de um bem seja basilar para reconhecer a sua importância, todos os outros princípios de uma forma ou de outra devem buscar favorecer a autenticidade. Um princípio que se confunde frequentemente com o da autenticidade é o da integridade, que perpassa implicitamente as Cartas de Veneza (1964), Carta de Burra (1980) e a Conferência de Nara (1994). Preservar a integridade se aproxima muito de se preservar a autenticidade, isso significa manter preservadas as características de um determinado bem de modo que ele possa expressar a sua importância e singularidade ao longo dos anos, mantendo-se íntegro, resguardando seus valores originais.

A Carta de Brasília (1995), em Autenticidade e Contexto, apregoa a necessidade de se ter um equilíbrio entre o edifício e o seu entorno e que a ruptura dessa harmonia se configura como um atentado contra a autenticidade. O Estudo Preliminar do projeto arquitetônico do Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto possui uma seção denominada “Interfaces da Proposta com o Contexto Urbano” que trata da relação do CACOP com o seu entorno:

Ouro Preto apresenta uma paisagem onde as construções se unem de maneira indissolúvel à geomorfologia, gerando um espaço cênico de características bastante peculiares e de grande riqueza visual.

O trecho em questão ocupa uma situação de vale ainda pouco explorado paisagisticamente. A solução arquitetônica e urbanística deve potencializar o local, valorizando os córregos e a montanha. Os ‘anfiteatros’ naturais gerados pela topografia também apresentam grande potencial cênico à espera de valorização (TECNITUR, s/d.).

O trecho evidencia que o projeto prezou pela harmonia entre o CACOP e a paisagem do entorno, independentemente da imposição de legislações referentes ao tombamento do conjunto arquitetônico de Ouro Preto. Percebe-se que as edificações na face da rua no estilo eclético e neocolonial não contrastam com as edificações do entorno e muito menos com a estética eclética da Estação Ferroviária, sendo todas visivelmente do mesmo período (fins do século XIX para início do século XX). A integridade das edificações mais antigas favorece a autenticidade delas em seu entorno e mesmo a interação dessas edificações com as inserções contemporâneas do Centro de Artes e Convenções da UFOP.

Um outro princípio em obras de restauro é o da mínima intervenção que compreende imposição de limites e cautela nas intervenções feitas por arquitetos/restauradores.

Kühl (2008) considera um erro que muitos arquitetos ainda vêem a restauração como limitador da criatividade nas intervenções e argumenta que “(...) a criatividade é parte intrínseca do projeto de restauração, mas deve ser entendida dentro dos parâmetros e ‘condicionantes’ específicos ligados aos monumentos históricos” (KÜHL, 2008, p. 224). Ela prossegue pontuando que o restauro pode condicionar o ato criador, mas não anulá-lo; sendo que em um projeto de criação do novo há diversos fatores limitantes, tais como: programa, limitações do meio de implantação do projeto, sistemas e técnicas construtivas, orçamento disponível, legislação, etc. Todas essas condicionantes exigem o uso da criatividade para propor soluções de adequações ao partido. Desta forma, ao intervir, os profissionais de conservação e restauro precisam agir com sensibilidade e reflexão em suas escolhas para se atentar a quais intervenções tal obra aceita e suporta, compreendendo e respeitando o seu histórico, situação estrutural, valores e significados sócio-culturais.

Considerando intervenção como acrescentar ou remover algo já preexistente, pode-se analisar o que foi modificado no conjunto do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa para se tornar um centro de convenções e atividades do curso de Artes da UFOP.

Em relação às remoções, as telhas coloniais e francesas dos galpões foram removidas e substituídas por outras de marcas mais recentes, como anteriormente abordado. Contudo essa mudança, não apenas agride o princípio da mínima intervenção, mas, também, o da autenticidade e o da integridade.

A casa em estilo neocolonial passou por intervenções por meio da remoção das paredes, forros e grades - consideradas inadequadas pela equipe de arquitetos. Ainda, outras divisórias foram inseridas para transformá-la em um centro administrativo do CACOP.

No espaço destinado ao Museu da Siderurgia, a edificação rente à calçada, na face da rua, foi demolida, tendo sido substituída por uma grade para dar visibilidade ao maquinário da antiga fábrica de ferro gusa, com destaque para o alto forno (Imagem 19).

Imagem 19: Parte da fachada do antigo Parque Metalúrgico Augusto Barbosa antes da intervenção para criação do Museu da Siderurgia



Foto: Acervo do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

Nos galpões, houve a remoção do engradamento do telhado, sendo que as remoções mais significativas ocorreram no galpão mais antigo, com a demolição das paredes que marcavam os diversos compartimentos construídos no passado. Dessa forma, essa intervenção desrespeitou inteiramente, a recomendação de Brandi (2008, p. 137) para conservação das marcas do tempo, isto é, as “fases históricas pelas quais passou o monumento”. Brandi (2008, p.71) acredita ser inadmissível a remoção, exceto em casos excepcionais, enquanto isso, tolera o acréscimo feito em obras de restauro, pois são capazes de remeter um dado histórico à edificação:

A remoção, ao contrário, apesar de também resultar de um ato e por isso inserir-se igualmente na história, na realidade destrói um documento e não documenta a si própria, donde levaria à negação e destruição de uma passagem histórica e à falsificação do dado. Disso deriva que, do ponto de vista histórico, é apenas incondicionalmente legítima a conservação da adição, enquanto a remoção deve sempre ser justificada e, em todo caso, deve ser feita de modo a deixar traços de si mesma e na própria obra (BRANDI, 2008, p. 71)

A justificativa dada para a demolição das paredes do galpão antigo foi a seguinte:

No galpão, edificação arquitetonicamente mais rica do conjunto, ficarão os Setores de Alimentação e de Exposições, em espaço integrado, sem barreiras, possibilitando a plena fruição espacial do interessante jogo de águas e tesouras do telhado, das várias janelas e portas, dos fornos antigos. O cais existente é o prolongamento natural (NOTAS, s/d).

O projeto arquitetônico também contemplou a demolição de todos os pequenos acréscimos, galpões arruinados e aqueles considerados “inoportunos” pela equipe de arquitetos. Além da remoção dessas inserções passadas, o projeto arquitetônico do CACOP inseriu no Setor de Alimentação uma estrutura metálica, fazendo alusão a um vagão de trem (Imagem 20). Victor Godoy (2001) justificou que essa intervenção não “fere o espaço” pois remete à ideia de um vagão de trem, referenciando-se às origens do próprio galpão que foi

construído para atender demandas da antiga Estação Ferroviária, como oficina de manutenção dos trens e depósito.

Imagem 20: Setor de Alimentação, parte do antigo galpão em estilo eclético da ferrovia.



Foto: Acervo do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

Tratou-se, então, de usar a criatividade em um projeto arquitetônico em espaços dignos de restauro. Para Brandi (2008, p.73-7), as adições são consentidas, desde que não se aproximem dos refazimentos, pois isso implicaria na criação de um falso histórico, tal corolário é corroborado pela Carta de Restauro de 1972 que estabelece a proibição de “1- Aditamentos de estilo ou analógicos, inclusive em forma simplificada, ainda quando existirem documentos gráficos ou plásticos que possam indicar como tenha sido ou deva resultar o aspecto da obra acabada”. Em qualquer caso, deve-se compreender que a restauração parte de critérios de muita análise histórica e de reflexão para ter subsídios do que se deve ou não fazer, pois seu objetivo é valorizar a obra que será transmitida às gerações futuras como um documento. A inserção dos vagões no Setor de Alimentação não se desarmonizou com o conjunto, pois de fato remete à ideia das ferrovias, origem da razão de ser da própria edificação, embora se tratasse de uma inserção, um elemento novo que não faz parte de seu passado original.

Outros casos de inserção ocorreram no galpão onde funcionava a quadra de esportes. Ele se destinou a ser o teatro do CACOP e, para tanto, recebeu o acréscimo da caixa de palco, tomando o cuidado para que a altura não ultrapassasse o limite da cumeeira do prédio vizinho, seguindo as orientações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O grande galpão vizinho também precisou receber acréscimos para se tornar o Setor de Feiras/Exposições. Foram necessárias estruturas de projetos complementares, como instalações hidráulicas, elétricas, acústicas, entre outras. Por sua vez, o galpão isolado

no pátio foi transformado em uma edificação para atender as atividades artísticas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da UFOP (IFAC). Para tanto, ele foi subdividido em várias salas separadas por vidros duplos.

Em relação à reconstituição, a intervenção que mais se aproxima diz respeito ao Setor de Feiras do CACOP. Na estrutura original, o espaço ocupava dois galpões térreos antigos, no entanto, como um deles não pôde ser reaproveitado, decidiu-se demolir o que restava e construir um novo, parecido com o original, mas acrescentando estruturas complementares para eventos e algumas inserções. Brandi (2008, p. 136-7) considera inadmissível a reconstituição, por acreditar que o ambiente pode ser recomposto por meio de uma nova obra baseada nos dados espaciais, mas não formais do monumento que desapareceu. Nesse caso, foram acrescentados ao galpão reconstituído um mezanino, lajes planas e sinuosas, que dão continuidade ao telhado, servindo-se ora como terraço, ora como cobertura e se distinguindo da cobertura dos demais galpões. Ainda, no pavimento superior, foi construído o espaço para o Setor de Convenções. Assim, mesmo que tenha havido a intenção de reconstruir um galpão semelhante, por causa dessas inserções, não se tratou de uma reconstituição, o que Brandi (2008) abomina.

Além de se procurar intervir minimamente em ações de restauro, deve-se estudar com profundidade o bem para que se tome conhecimento dos materiais que foram usados em sua construção ou em intervenções anteriores. Esse cuidado serve para que haja o emprego de técnicas e materiais compatíveis com os originalmente usados. Na Carta de Brasília (1995), ao tratar da relação entre autenticidade e materialidade, o importante é preservar as técnicas tradicionais de construção, mesmo que os materiais empregados não sejam semelhantes aos originais: “...a renovação de práticas evolutivas, em continuidade cultural como a substituição de alguns dos elementos através de técnicas tradicionais, resulta em uma resposta autêntica”. Além de se atentar para a preservação das técnicas tradicionais, deve-se dar muita importância à qualidade dos materiais que serão usados, pois, caso contrário, isso poderá interferir drasticamente na integridade e autenticidade do bem.

As técnicas utilizadas não podem ser nocivas ao bem, e devem ser aplicadas depois de muitos e muitos anos de experimentação. “A qualidade de uma inserção não deve ser inferior à do existente, mas pela qualidade do projeto e dos materiais utilizados, deve agregar valores ao bem cultural objeto da intervenção” (LYRA, 2016, p. 233). Pela documentação analisada, percebe-se que os materiais empregados nas obras de execução do CACOP foram de boa qualidade, no entanto, não eram comumente empregados em projetos de restauro, com excessão da argamassa *Parlumière Clair* que é utilizada para recuperação de

reboco em edificações antigas. Outro ponto é que em nenhum momento foram contratados profissionais de conservação e restauro para realizarem a prospecção das cores de tintas e das argamassas das paredes para tomarem conhecimento sobre quais foram as originalmente empregadas e, assim, tentarem fazer os processos de recuperação da alvenaria e emprego das cores originais.

Na intervenção, a Lafarge, uma das empresas patrocinadoras, ofereceu grande parte do material construtivo nacional e importado, deu assistência técnica para aplicação do material e treinamento para a mão-de-obra presente. Para recomposição de rebocos antigos, ela deu argamassas industrializadas como a *Parlumer Clair* e a Qualimassa, específica para fachadas. Segundo as Notas sobre o projeto de arquitetura do CACOP, a justificativa para uso dos materiais foi a seguinte: “os materiais de acabamentos serão definidos de forma a atender às questões de funcionalidade, estética, durabilidade, manutenção e economia, sempre dentro de um conceito de simplicidade e unidade” (NOTAS, s/d).

Assim, de acordo com as especificações básicas do projeto aprovado pelo IPHAN em 1995 (Processo nº 01514.000282/1998-40), os materiais construtivos que foram empregados eram industriais e contemporâneos, com excessão do piso de pedras quartzito e dos paralelepípedos. Portanto, tem-se:

- Estrutura e fundações em concreto armado;
- Pisos: cerâmicos e rampas de pedras de quartzito;
- Paredes: alvenaria de tijolos cerâmicos com 8 furos; tintas acrílicas na estrutura, nas paredes e nas fachadas;
- Azulejo branco em áreas molhadas;
- Tetos: rebocados e pintados com tinta látex (área seca) e argamassados e pintados com tinta acrílica acetinada (área molhada);
- Esquadrias: madeira pintada com esmalte acetinado e vedações com vidro pontilhado incolor;
- Pavimentos em paralelepípedo, bloquete de concreto, pedra quartzito rosa e cimento liso.

Ao fazer uma intervenção de restauro, também é importante se atentar para o princípio da distinguibilidade cujo objetivo é evitar a criação de um falso histórico, sendo perfeitamente possível distinguir o novo do que já existia, como forma de respeitar a história pregressa do bem restaurado. Para que a distinguibilidade possa ocorrer positivamente na restauração, o arquiteto/restaurador deve buscar a harmonia entre o antigo e o novo. “As

inserções que forem necessárias devem destacar-se do existente por meio da revelação de sua contemporaneidade, ou seja, devem transmitir sua condição de novas, assumindo sua identidade e evidenciando as marcas do seu tempo” (LYRA, 2016, p. 233).

Observa-se que esse princípio está presente nas obras do CACOP, principalmente nas construções novas que se amalgamaram harmoniosamente às pré-existentes, por meio da presença de estrutura em concreto armado, lajes, divisórias envidraçadas, materiais construtivos visivelmente contemporâneos, incorporando-se aos remanescentes antigos. Por sua vez, o Museu da Siderurgia foi envolvido por esquadrias de vidro incolor e recebeu iluminação especial para realçar o maquinário remanescente e restaurado da antiga unidade produtora de ferro gusa. Por outro lado, o mesmo não se pode dizer a respeito das reconstituições feitas nos galpões na tentativa de se “recuperar” o que existia anteriormente, visto que substituíram o engradeamento do telhado, que hoje se assemelha ao original, não se distinguindo do anterior. Entretanto, a substituição foi necessária, pois ele se encontrava em estado de deterioração.

Com o intuito de se respeitar o que foi feito, a intervenção deve garantir que ela própria seja reversível, ou seja, que ela não seja permanente, uma vez que elas estão inseridas em um determinado contexto cultural que pode mudar no futuro. Assim, as intervenções devem ser pautadas por soluções adaptáveis, que possam ser desfeitas, caso isso seja necessário, no futuro. Tanto Brandi (2008) quanto as cartas patrimoniais (Carta de Restauro, Carta de Burra, Carta de Brasília e Carta de Nizhny Tagil) abordam a importância da reversibilidade nas intervenções em obras de restauro. De fato, não foi identificada, especificamente, a intenção de aplicar esse princípio nas obras de requalificação do antigo Parque Metalúrgico para transformá-lo em um centro de convenções e de práticas artísticas, conforme informações do material do projeto arquitetônico ou em documentos administrativos e governamentais.

Entretanto, algumas das inserções podem ser retiradas, se posteriormente houver intenção, como o volume em aço que remete a um vagão de trem, localizado no galpão em estilo eclético; as paredes de gesso acartonado da casa em estilo neocolonial; os vidros temperados e a iluminação no Museu da Siderurgia e a estrutura de concreto e aço independente que sustenta o forro do galpão, onde anteriormente ficavam as quadras esportivas. Apesar das possibilidades de reversão dessas inserções, o projeto arquitetônico do Centro de Artes e Convenções da UFOP, foi, visivelmente, pensado para ser um projeto com estruturas definitivas, sem a preocupação de reversibilidade das intervenções.

5. O REUSO ADAPTATIVO DO CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP

Reuso adaptativo, do inglês *Adaptive Reuse*, refere-se à “readaptação de edificações antigas para um novo uso”. No entanto, a terminologia ainda não está padronizada na academia. Autores, governos e profissionais consideram essa abordagem em uma edificação antiga como *retrofit*, reciclagem para uso, conversão arquitetônica ou simplesmente readaptação.

Por sua vez, a Carta de Nizhny Tagil usa palavras como “*adaptation*” “*re-use*” (adaptação e reuso) como formas de manutenção e conservação de lugares e edifícios do patrimônio industrial: “A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica” (THE NIZHNY TAGIL CHARTER, 2003, 5, IV).

Lyra (2016, p. 74-6) discorre sobre adaptações modernas feitas em edificações antigas como a da vertente moderna da contraposição que busca um diálogo entre o antigo e o novo nas intervenções arquitetônicas em bens culturais. Segundo Lyra (2016, p.74): “A contraposição desenvolveu-se muito nos últimos anos, notadamente na reciclagem de grandes espaços arquitetônicos de fábricas, armazéns portuários, estações ferroviárias e outros edifícios desativados”.

Já Kühl (2009, p.207) pontua que os termos recuperação, revitalização, renovação, reciclagem e reforma costumam ser usados de forma inadequada, mesmo em se tratando de intervenções em bens de interesse cultural, pois costuma haver uma intenção de se distanciar do termo “restauro”, visto, erroneamente, por muitos como tolhedor da criatividade e com objetivos restritivos, impedindo maiores transformações em edificações com fins de se atender a demandas atuais.

A autora escolheu usar neste trabalho o termo “reuso adaptativo” por ser contemplado em diversos artigos científicos internacionais e por alguns governos. A presente definição de “reuso adaptativo” foi extraída de material explicativo sobre o tema desenvolvido pelo Departamento de Meio Ambiente (DEH) e Patrimônio do Governo da Austrália: “Reuso adaptativo é um processo que transforma um item subutilizado ou sem uso em um item que pode ser usado com um propósito diferente. Às vezes, nada muda além do uso do item” (DEPARTMENT OF ENVIRONMENT AND HERITAGE, 2004, p. 3, tradução livre da autora).

Terminologias à parte, é consenso entre profissionais da área da construção civil, sejam arquitetos ou conservadores e restauradores, que edifícios sem qualquer uso tendem ao

abandono e à ruína. Um meio de preservá-los é que sempre tenham um uso contínuo. Lyra (2016) aponta o erro de arquitetos do passado de se preocuparem mais com a forma do que com a função ao fazer uma obra de restauro. Consequentemente, a restauração se dissociava da intervenção requerida pelo novo uso do edifício, e depois de restaurados esses edifícios permaneciam vazios. Mais suscetíveis a entrarem novamente no ciclo de abandono, necessitando cada vez mais restaurações futuras:

A relutância diante da necessidade de enfrentar as exigências impostas pela destinação de novo uso está na raiz do fracasso na restauração de muitos monumentos, apesar dos esforços empregados em obras invariavelmente dispendiosas. Depois de cuidadosamente restaurados, permaneciam vazios, voltando aos poucos a se degradar, por não ter sido previamente definido a quem eles seriam entregues, como seriam utilizados e a quem caberia sua manutenção. (LYRA, 2016, p. 119).

Isso aponta para o primeiro direcionamento antes de se fazer um projeto de restauro: pensar na finalidade da edificação, como isso poderia ser feito sem intervir drasticamente na edificação? Quem serão os novos usuários e quem promoverá a sua manutenção? Essas questões devem ser pensadas e planejadas antes, na fase de projeto, e não após o processo de restauro/reuso adaptativo ser concluído.

Kühl (2019) também acredita na importância de se atribuir um uso à edificação restaurada como meio para se preservá-la, mas isso não pode ser feito arbitrariamente, visto que o uso é o meio e não o fim das intervenções. “(...) deve-se respeitar a essência do bem, escolher um uso compatível com seus aspectos documentais e formais, respeitando-se sua configuração, suas várias estratificações ao longo do tempo e desenvolver o programa e o projeto de acordo com suas características” (KÜHL, 2009, p. 211).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o Centro de Artes e Convenções da UFOP teve um reuso adaptativo bem-sucedido, pois esse complexo de caráter industrial não foi posto em abandono, por mais de duas décadas continua a ser utilizado para a finalidade proposta e que se encontra em excelente estado de conservação. Contudo, o seu sucesso foi consequência de vários fatores que se convergiram para que ele passasse por um processo de adaptação a um novo uso sem sofrer intervenções drásticas que o descaracterizasse. Dessa forma, tem-se como razões do seu sucesso:

1º) A localização privilegiada do complexo arquitetônico do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa em um centro urbano de uma cidade de grande visibilidade cultural como Ouro Preto: Algumas vezes, as fábricas e complexos industriais se localizam em áreas distantes dos centros urbanos, o que contribui para inviabilizar o seu reaproveitamento depois que eles são desativados e, consequentemente, perdem a sua funcionalidade. Isso não

aconteceu com o conjunto do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, pois ele se localizava em uma área de convergência urbana, bem próxima ao Centro Histórico de Ouro Preto. Assim, é natural que um espaço de grandes dimensões (11.000 m²) fosse tão cobiçado, principalmente, pelo poder público, municipal e federal.

Pela localização e pelas grandes dimensões, o poder público podia fazer diversos usos do local. Isso pôde ser comprovado por meio de atas do CUNI e também por ofícios trocados entre a Prefeitura Municipal e a UFOP nos anos 70. Em um deles, datado de 6 de janeiro de 1978, a Prefeitura Municipal cobiçava o espaço para servir de armazém geral da cidade, com fins de diminuir o trânsito de veículo pesados dentro do centro histórico (OURO PRETO, 1978); nas atas da 71^a e 72^a Reunião do Conselho Universitário (CUNI), a Prefeitura Municipal pensava em estabelecer uma Unidade de Pronto Atendimento nos galpões do complexo do Parque Metalúrgico (CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, 1993). No entanto, todas essas propostas foram rechaçadas pela universidade.

Afora a sua localização, deve-se considerar que o fato de que o Parque Metalúrgico Augusto Barbosa estivesse inserido dentro do perímetro de tombamento do conjunto arquitetônico da cidade de Ouro Preto, ele se tratava de um patrimônio salvaguardado por leis federais e municipais e que, sendo assim, ele não poderia ter a sua harmonia interferida por intervenções que não respeitassem a sua tipologia, volumetria e história. O projeto, portanto, respeitou a fachada, a volumetria da edificação, buscando inseri-las harmoniosamente dentro do entorno paisagístico do local.

Desde que Ouro Preto foi considerada monumento nacional em 1933 houve todo um encaminhamento para a existência de legislações que garantissem a salvaguarda de seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Assim, um ano após a criação do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o conjunto arquitetônico de Ouro Preto foi registrado no Livro de Tombo das Belas Artes do SPHAN em 1938 e, finalmente, em 5 de setembro de 1980, a UNESCO incluiu a cidade de Ouro Preto na lista de Patrimônio Mundial da Humanidade. A definição do perímetro urbano de Ouro Preto a ser inteiramente protegido ocorreu em 1989 pelo IPHAN. Além disso, a Portaria do IPHAN nº 312/2010 (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010) estabeleceu critérios de preservação do complexo urbano e arquitetônico de Ouro Preto e regulou as intervenções na área protegida. Outras leis importantes para salvaguarda do patrimônio cultural de Ouro Preto são o Plano Diretor e a Lei Municipal Complementar 93/2011, conhecida como Lei de Uso, Parcelamento e Ocupação do Solo.

Na Lei Complementar nº 93/2011, o Centro de Artes e Convenções da UFOP faz parte da Zona de Proteção Especial e por essa razão as construções novas e intervenções realizadas nela devem ter autorização prévia das autoridades governamentais competentes, como o IPHAN. A existência de legislações que salvaguardassem o conjunto do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa possibilitou que quaisquer intervenções fossem limitadas, evitando a sua descaracterização, e reduzindo o ímpeto de interesses econômicos divergentes da preservação de edificações de valor cultural.

2º) As características tipológicas de edificações industriais são mais versáteis para o reuso adaptativo: No geral, as edificações do patrimônio industrial possuem algumas características que permitem maior liberdade de intervenção, como os espaços livres com grandes dimensões e mais funcionalidade do que apelo estético.

Contudo, essas supostas vantagens também podem trazer problemas no tocante ao respeito pelo valor cultural das edificações e, conseqüentemente, a desconsideração aos princípios de restauro nas intervenções. Kühl (2009, p.55) argumenta sobre a dificuldade que os projetistas arquitetônicos têm de respeitarem o patrimônio industrial como sendo cultural, a despeito de outros monumentos históricos. Eles tendem a ver os grandes espaços livres e versáteis das edificações industriais como meros recipientes e, ao serem transformados para novos usos, desconsideram as suas especificidades.

Geralmente, nas intervenções em edificações do patrimônio industrial o que se vê é que o uso e a função têm prevalência sobre a autenticidade do bem. Lyra (2016, p.130) pontua que as edificações industriais não nasceram “monumentos”, mas destinados a alguma função prática. A descoberta de que também teriam algum apelo estético veio posterior a sua concepção, quando a edificação já se encontrava em desuso. Essa tem sido uma tendência atual, tendo como consequência o aumento do interesse pelo seu reaproveitamento arquitetônico. Porém,

Verificou-se que em edifícios de grande expressividade plástica (palácios, solares e igrejas, por exemplo), as adaptações tendem a seguir a linha da conservação reverente, a fim de valorizar o existente. As inserções são mínimas e discretas. Já nos edifícios destituídos de intenção estética (fábricas, casas vernaculares e mercados, por exemplo), o uso conduz a intervenção, frequentemente, em detrimento do edifício. Nesses casos, há prevalência da adaptação sobre a conservação; a intervenção é conduzida por um pragmatismo exposto na subordinação do monumento a sua nova função, com sacrifício de suas originais características e de seus testemunhos históricos (LYRA, 2016, p.79).

Lyra (2016, p. 128) propõe como solução para se evitar a descaracterização dos edifícios durante os processos de intervenção refletir se o novo uso condiz com o caráter da edificação. Ele explica que “caráter” diz respeito aos parâmetros estéticos e funcionais do

edifício. “Em outras palavras, deve-se verificar se a nova função é condizente com as vocações daquela tipologia arquitetônica e, o mais importante, com a vocação daquele monumento” (LYRA, 2016, p. 128-9). Para exemplificar, Lyra (2016, p.205) aborda que as estações ferroviárias remanescentes da extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) podem ter como vocação de uso funções diversas, tais como: museus, casas de cultura, escolas, bibliotecas, postos de saúde, entre outras.

Tanto Kühl (2009) quanto Lyra (2016) apontam que a arquitetura industrial produz muita diversidade de edificações. Kühl (2009, p. 145) caracteriza o patrimônio industrial arquitetônico como sendo de vários tipos e que é mais comumente encontrado apresentando enormes superfícies em áreas hoje centrais de numerosas cidades; por essa razão, atraem interesses para projetos estratégicos de requalificação urbana e territorial. Como Lyra (2016, p.130) acredita que essa arquitetura industrial não foi concebida com “intenções plásticas”, mas sim funcionais, elas são mais acolhedoras para readaptação e contribuem, muitas vezes, para revitalização da área urbana no seu entorno, como aconteceu nas zonas portuárias de Nova York (Estados Unidos) e Buenos Aires (Argentina).

Em relação ao Centro de Artes e Convenções da UFOP, o Gerente Administrativo de Implantação do projeto arquitetônico, Víctor Godoy, justificou o porquê do antigo Parque Metalúrgico possibilitar uma adaptação para constituição de um futuro espaço para eventos:

No caso do Parque Metalúrgico, o nível de estabilidade e conservação das edificações, ao lado de suas características dimensionais, permite que, através de adaptações e alguns acréscimos, se possa alcançar o aproveitamento do conjunto arquitetônico de forma direcionada para as novas funções pretendidas, observando-se os padrões técnicos pertinentes (GODOY, 1999, p.6).

Logo, por possuir dimensões vantajosas, o complexo arquitetônico e industrial do Parque Metalúrgico pôde receber diversos usos ao longo dos anos. Para construção do Centro de Artes e Convenções, bastou utilizar a estrutura já existente, fazer algumas demolições e inserções tanto no interior dos galpões, quanto nas áreas externas. Mas houve uma flexibilidade nas intervenções que não teria existido se a edificação fosse de tipologia religiosa ou palaciana.

3º) Articulação financeira e estratégica entre o poder público e privado para concretizar a requalificação do conjunto arquitetônico do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa: A concretização do projeto do Centro de Artes e Convenções da UFOP não resultou de um esforço isolado, mas da participação de múltiplos atores, tanto do poder governamental quanto da iniciativa privada. Primeiramente, contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Ouro Preto com o SEBRAE – MG para elaboração de um estudo de viabilidade técnica do

projeto arquitetônico que foi orçado, inicialmente em R\$ 6.576.861,00 (seis milhões, quinhentos e setenta e seis mil, oitocentos e sessenta e um reais), passando a R\$ 7.690.515,00 (sete milhões, seiscentos e noventa mil e quinhentos e quinze reais), depois de algumas modificações no projeto⁴.

Em 1994, o projeto foi apresentado para o então Ministro da Fazenda, Ciro Gomes, que se dispôs a viabilizar a liberação de verba para início do projeto de implantação, contando como intermediário o Ministério da Educação (Imagem 21). A fundação de apoio escolhida para gerir os recursos foi a FEOP (Fundação Educativa de Rádio e Televisão de Ouro Preto) que formalizou um convênio entre ela e a UFOP em 1996. Outro apoiador inicial também foi governamental que possibilitou a captação de recursos pela Lei de Incentivo à Cultura (Portaria nº 218 de 04/12/97, publicada no DOU de 05/12/97) do Ministério da Cultura.

Imagem 21: O Ministro da Fazenda Ciro Gomes ao lado de autoridades e de membros da equipe do projeto do Centro de Artes e Convenções da UFOP



Fonte: Memória Fotográfica da Implantação do Centro de Artes e Convenções da UFOP, s/d.

Durante todo o período de execução da obra, ela recebeu a visita de diversas autoridades, representantes de associações científicas, profissionais e acadêmicos; de políticos e empresários de renome como Antonio Ermírio de Moraes do Grupo Votorantim, do pintor Carlos Scliar, dos governadores Eduardo Azeredo e Itamar Franco, da empresária Ângela Gutierrez, entre outros (GODOY, 1999, p. 6-12). A atenção dispensada ao projeto arquitetônico do CACOP foi benéfica para captação de recursos, mesmo em momentos de austeridade. Assim, o projeto arquitetônico do Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto teve os seguintes apoiadores e patrocinadores: Ministério da Fazenda, Ministério da Educação,

⁴ Informações extraídas do Relatório das Atividades Desenvolvidas no Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto (1996 - 1999) por Victor Vieira Godoy.

Ministério da Cultura, Ministério das Comunicações, Ministério do Esporte e do Turismo, Alcan, Belgo Mineira, Correios, Eletrobrás, Embratur, Lafarge, Petrobrás, SEBRAE – MG e Telemar.

4º) Reusos adaptativos condizentes com a vocação da cidade de Ouro Preto: Diante da documentação analisada sobre o projeto arquitetônico do CACOP, percebe-se que ele abrangeu duas frentes em sua concepção: a primeira apoiada na vocação da própria cidade de Ouro Preto e a segunda nas características e nos usos anteriores do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa.

Ouro Preto é reconhecidamente uma cidade turística, universitária e “histórica” e que, portanto, a sua vocação está diretamente vinculada a eventos de natureza técnica, científica e cultural. Do ponto de vista econômico, a justificativa para a construção do Centro de Convenções se baseou no potencial do setor de atividades educacionais e de atividades voltadas para o turismo em Ouro Preto. Assim, a construção de um espaço para eventos contemplaria esses dois potenciais da cidade:

(...), a vocação de Ouro Preto como centro polarizador e receptor potencialmente habilitado à captação de eventos nacionais e internacionais é uma decorrência automática, valorizada por seu meio acadêmico e cultural e pela proximidade com Belo Horizonte, que já ocupa lugar importante nesta área.

A expansão do setor de turismo na cidade e o incremento das atividades no setor educacional, serão acompanhados da geração de seus efeitos multiplicadores, tais como:

- valorização da imagem da cidade;
- expansão quantitativa dos fluxos turísticos;
- melhoria do perfil de renda e dispêndio do turista;
- dinamização do comércio em geral, particularmente das atividades ligadas ao turismo;
- consolidação de atividades nas áreas tecnológica, científica, artística e cultural;
- crescimento do mercado de trabalho;
- aumento da arrecadação pública, etc...(GODOY, 1999, p.4)

Especificamente, sobre o conjunto arquitetônico do Parque Metalúrgico, ele se encontrava em uma área urbana bastante privilegiada, no bairro Pilar, próximo à Praça da Estação, da Igreja Nossa Senhora do Pilar e das atrações do Centro Histórico, em área plana - diferentemente da topografia acidentada de Ouro Preto. Além disso, possuía as dimensões necessárias de grandes espaços públicos e o seu histórico pregresso, como patrimônio industrial, contribuiria ainda mais como atrativo cultural e turístico vocacional de Ouro Preto.

Desta forma, a concepção do projeto arquitetônico do CACOP se apresentou como um ponto positivo para sua execução, pois foi concebido dentro de um contexto apropriado de reuso adaptativo. O projeto contemplou as necessidades econômicas da cidade e o passado do conjunto arquitetônico, que passou por diversas fases: primeiro, como

integrante da ferrovia; depois, como parque metalúrgico de uso da Escola de Minas; seguido por um espaço universitário, até se tornar um espaço para eventos nacionais e internacionais e atividades acadêmicas artísticas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O Centro de Artes e Convenções da UFOP não pode ser considerado um exemplo de obra de restauro, pois as intervenções feitas não tinham como objetivo seguir teorias e princípios do restauro já consagrados, mas sim ser uma obra arquitetônica harmonizada com o seu entorno e de funcionalidade garantida por meio de um reuso adaptativo.

Percebe-se que dentre os princípios clássicos de restauro abordados no texto (autenticidade, integridade, mínima intervenção, compatibilidade de técnicas e materiais, distinguibilidade e reversibilidade), eles foram seguidos parcialmente. Entretanto, deve-se levar em consideração que, embora as intervenções pudessem ter sido mais tímidas, as que foram feitas embelezaram o espaço, harmonizando-se o antigo com o novo, sem interferir no entorno paisagístico, sem descaracterizar a tipologia arquitetônica e nem o estilo eclético/neocolonial das fachadas; e que algumas foram necessárias para garantir o reuso do antigo complexo industrial, como é o caso das transformações internas nos galpões da antiga ferrovia e do Parque Metalúrgico.

O resultado positivo do projeto arquitetônico reitera que o reuso adaptativo ainda é a melhor forma de se preservar um patrimônio industrial. Porém, o caso apresentado neste estudo leva a crer que essas readaptações devem ser feitas, primeiramente, sob a existência de leis que salvaguardam o bem edificado e o seu entorno e, em segundo lugar, que haja a presença de um profissional conhecedor das teorias do restauro dialogando com a equipe de engenheiros e arquitetos na concepção e execução do projeto, o que não ocorreu no caso do Centro de Artes e Convenções da UFOP. Essas duas condições são básicas para se evitar um reuso adaptativo drástico e degradante para o patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS:

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

BRASIL. Decreto nº 8.075, de 20 de outubro de 1941. Autoriza a cessão de terreno e instalações ao Ministério da Educação e Saúde. **DOU**, Poder Executivo – Seção 1, 22 Out. 1941. Disponível em < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-8075-20-outubro-1941-341933-publicacaooriginal-1-pe.html> > Acesso em 02 Ago. 2024.

DEPARTMENT OF ENVIRONMENT AND HERITAGE (DEH). **Adaptive Reuse: Preserving our past, building our future**. Departamento de Meio Ambiente e Patrimônio, Comunidade da Austrália, 2004. Disponível em < <https://www.dcceew.gov.au/parks->

[heritage/heritage/publications/adaptive-reuse](#)> Acesso em 15 Set. 2024.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. **Ouro Preto cidade em três séculos - Bicentenário de Ouro Preto, Memória Histórica (1711 - 1911)**. Ouro Preto: Liberdade, 2011.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Carta de Veneza**. Veneza: 1964. Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>
Acesso em 28 Mai. 2024.

INTERNACIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Carta de Burra**. Burra: 1988. Disponível em
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>
Acesso em 31 Mai. 2024.

INTERNATIONAL CENTRE FOR THE STUDY OF THE PRESERVATION AND RESTORATION OF CULTURAL PROPERTY (ICCROM); THE UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO) E INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Conferência de Nara**. Nara: 1992. Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conferencia%20de%20Nara%201994.pdf>
f> Acesso em 31 Mai. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria nº312, de 20 de outubro de 2010**. [Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal]. Disponível em
<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.p](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.pdf)
df> Acesso em 16 Nov. 2023.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – Problemas Teóricos de Restauro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

LYRA, Cyro Corrêa. **Preservação do Patrimônio Edificado: a questão do uso**. Brasília, DF: IPHAN, 2016. Disponível em <
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/preservacao_patrimonio_edificado_questao_do_uso.pdf> Acesso em 03 Ago. 2024.

MERCOSUL. **Carta de Brasília**. Brasília: 1995. Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf>> Acesso em 03 Ago. 2024.

OURO PRETO. **Lei Complementar nº 93 de 20 de Janeiro de 2011**. Estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano no município de Ouro Preto. Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Ouro Preto, Estado de Minas Gerais. 20 de janeiro de 2011. Disponível em: <<https://ouropreto.mg.gov.br/static/lei-complementar-93-parcelamento-uso-e-ocupa-o-do-solo.pdf>>. Acesso em: 01 Nov. de 2023.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH). **The Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage**. Nizhny Tagil: 2003. Disponível em <
<https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilCharter.pdf>> Acesso em 28 Mai. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Centro de Artes e Convenções da UFOP – Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, 2024. Página inicial. Disponível em <

<https://centrodeconvencoes.ufop.br/>> Acesso em 03 Ago. 2024.

Fontes Documentais:

CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (Ouro Preto). 71ª Reunião Ordinária do CUNI, Outros Assuntos) Proposta de uso dos terrenos Chácara Albergaria e Parque Metalúrgico, pertencentes à UFOP, de 25 de junho de 1993. Caixa SOC nº 06, envelope/pacote nº 08 (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto).

____. 72ª Reunião Ordinária do CUNI, item de pauta d) Proposta de utilização dos terrenos Chácara Albergaria e Parque Metalúrgico, pertencentes à UFOP, de 22 de julho de 1993. Caixa SOC nº 06, envelope/pacote nº 08 (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto).

GODOY, Victor Vieira de. Parque Metalúrgico: Usos e Transformações. Março/2001. Material cedido - Doador por Victor Godoy. Localização física: 1º Pacote (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto). Mar. 2001.

____ Relatório do Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto (1996 – 1999). 1999. Material cedido - Doador por Victor Godoy. Localização física: 1º Pacote (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto). 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, Escritório Técnico I – Ouro Preto - MG. Processo nº 01514.000282/1998-40. Assunto/Descrição: Autorização de intervenção em bem imóvel (Rua Diogo de Vasconcelos nº 87, Pilar, Ouro Preto/MG). Disponível em https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?iI3OtHvPArlTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0IaDkkEyJpus7kCPb435VNEAb16AAxmJKUdrsNWVIqQxQbsOx7W9RLNbvG7j2b7os-NzLGhCtoBp0gRbuSOHRd Acesso em 31 Ago. 2024.

MARTINS, Alexandre Alvarez de Souza. Parque Metalúrgico - Centro de Artes e Convenções da UFOP. Abril/2001. Material cedido - Doador por Victor Godoy. Localização física: 1º Pacote (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto). Abril/2021.

NOTAS. Notas sobre o projeto arquitetônico do Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto. In: Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto. s/d. Material cedido - Doador por Victor Godoy. Localização física: 1º Pacote (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto). s/d.

OURO PRETO. Universidade Federal de Ouro Preto. Ofício RT. GAB. DSA. ENT. PUB. PRE – 001/78. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 17 de fevereiro de 1978. Localização: Fundo Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Série: Obras Públicas, Subsérie: Restauração 1970 – 1995 (Arquivo Público de Ouro Preto).

TECNITUR. Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto - Estudo Preliminar. Material cedido/doador por Victor Godoy, localização física: 1º Pacote (Arquivo Central da Universidade Federal de Ouro Preto). s/d.